

CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE N'OS SERTÕES
O ITINERÁRIO DE UMA DESILUSÃO*

MIRIAM V. GÁRATE
UNICAMP

Não poucos escritores filiados a uma matriz de pensamento que genericamente poderia ser denominada de iluminista, depararam-se com esta constatação: as "formas superiores" reeditavam, de maneira perigosamente análoga, e mesmo talvez mais aberrante, traços definidores de estados "anteriores" e "inferiores". Assim, a crença numa teleologia positiva -fruto do pressuposto de uma crescente perfectibilidade que favorecera, porém, o desenvolvimento de paradigmas interpretativos com contrapartidas pragmáticas de arestas cada vez mais agressivas-, via-se abalada pela possível irrupção de fenômenos "retrogressivos". Paradoxalmente, à medida que se avançava ou ascendia o risco de retroceder e descer tornava-se maior: o mais "civilizado" podia transformar-se na *duplicata* ominosa do mais "bárbaro".

O período de emergência e difusão de modelos como o evolucionismo, o positivismo e o determinismo, constitui, nesse sentido, um momento de extremo interesse, pois, no decorrer do último terço do século XIX e princípios do atual, a adesão a semelhantes modelos, bem como seu ulterior questionamento ou abandono, foram frequentemente suportados por um único homem, e, o que é mais importante ainda, alojaram-se no interior de uma única obra. Não que se trate de uma experiência inédita. Basta pensar, por exemplo, na figura bifronte e sempre esquiva de um Jean-Jacques Rousseau. Entretanto, durante o mencionado período -e justapondo-se às peculiaridades próprias de cada contexto particular de desenvolvimento-, trata-se, provavelmente pela primeira vez, de uma experiência amplamente generalizada, de um mal-estar que afetou um número significativo de intelectuais e suscitou um número grandemente diferenciado de respostas. Daí o fato de, à medida que nos aproximamos das últimas décadas do século XIX, os quadros classificatórios tornarem-se cada vez mais confusos e as denominações multiplicarem-se vertiginosamente. Se no plano da sincronia assiste-se a uma diversificação dos dogmas, das teorias e das crenças, diacronicamente, seus tempos de vigência e adoção vêem-se encurtados.

Para os que não puderam nem adotar paradigmas alternativos à luz dos quais reinterpretar essas gritantes contradições, nem se abrigar inteiramente nos benefícios de um arcaísmo nostálgico -dito com outras palavras, para os que permaneceram no limite configurado por essas estratégias-, processar essa experiência que constituía um verdadeiro escândalo para a razão, mostrou-se ainda mais difícil, se não mesmo impossível. Tão difícil e quem sabe tão impossível quanto é, para a crítica literária, descobrir um fio condutor que lhe permita transitar pelas obras nas quais essas contradições enquistaram-se, sem sacrificá-las em nome da univocidade de um julgamento peremptório. Família de livros "intratáveis" à qual pertence, ao menos a meu juízo, essa espécie de híbrido monumental que é **Os Sertões**, de Euclides da Cunha. Livro tão intratável quanto **Facundo** (Sarmiento, 1845), do qual se aproxima, por exemplo, no propósito de se estabelecer uma genealogia dos males da nação -para cuja montagem ambos os escritores lançam mão das "vidas exemplares" e de uma certa "tipologia" dos espaços geográfico-culturais-, mas do qual se diferencia, entre outros aspectos, pelo caráter francamente "disfórico" das páginas euclidianas. Disforia que contrasta claramente com a "euforia" sarmientina cujo volume, vale a pena lembrar, encerra-se com a formulação de um programa, com a figura de um letrado projetando o futuro político-social de uma nação, e nele projetando-se como protagonista. De fato, o futuro de

* Versão parcialmente modificada do ensaio intitulado **De Sarmiento-Fortoul a Euclides: on ne tue point les idées?** a ser publicado em breve na **Revista de Crítica Literária Latinoamericana**.

Sarmiento era o passado-presente de Euclides e vários sonhos já haviam sido desfeitos no decurso de quase seis décadas. Se para Sarmiento o presente, simbolizado na figura do "caudilho-federal-feudal" don Juan Manuel de Rosas, representava o horror e a barbárie, o futuro, entretanto, aparecia-lhe sob a forma do amanhã inelutável e decididamente límpido. Imaginar-se -fundamentalmente a si mesmo, mas também a todo um grupo de jovens românticos-, como artífice e executor de um Estado moderno, pujante e civilizado, era uma empresa plausível¹. Depois, é verdade, Sarmiento pôde verificar na própria pele (e para além dos seus próprios desatinos) que o Estado não era ele nem sua sociedade de letrados: esta comprovação é já um ponto de partida em **Os Sertões**. Deslocado -ainda que de modo algum inteiramente cindido dos centros de poder-, Euclides já não ocupa o primeiro plano da cena e, num certo sentido, poder-se-ia afirmar que a República é decidida às suas costas e mesmo contra suas expectativas. A República imaginária "dos melhores" entra em colisão com a República real, a "dos proprietários". Entre 1845 e 1902 o lugar dos intelectuais na máquina governamental -o lugar dos homens "de bem" e "sem fazenda", como gostava de lembrar Sarmiento-, já sofrera um primeiro descentramento. A utopia forjada no papel, também.

Da mesma forma, e paradoxalmente, a imunidade por vezes quase impune de que usufrui a pessoa enunciativa do discurso sarmientino -corpo "estropiado", "coberto de roxos"², figura desterrada que se compraz na exibição ostensiva dessa condição sofrente acabando por torná-la numa prerrogativa-, transmuta-se, em Euclides, em consciência culpada. O plural majestático não isento de funções retóricas que ressemantiza a "campanha de Canudos" enquanto "crime"³, procura expiar uma cumplicidade dramaticamente vivida e justificar-se através desse gesto. O perseguido de 1845, que se tornaria presidente da Nação Argentina em 1868, transforma-se involuntariamente numa peça do aparelho persecutório da República Brasileira de 1897. **Os Sertões** surge, em parte, animado pela vontade de corrigir esse erro, de reparar essa falta. Daí a tarefa assumida de reescrever -de uma perspectiva desviada, que se não chega a ser radicalmente outra, tampouco é a mesma-, o conjunto de textos jornalísticos publicados quando Canudos ainda era, para Euclides, a "Nossa Vendéia", conjuração monárquica pondo em xeque a República nascente⁴. Ressignifica-se, após a volta da "Tróia de taipa dos jagunços", o que fôra redigido longe dela, antes da ida. (Se o exílio, hiato geográfico, distância no espaço, é condição de possibilidade -e tema- da pena sarmientina, **Os Sertões**, por sua vez, é concebido porque se esteve alí. O contato é sua condição de possibilidade ainda que a seu modo, e como todo texto, exija e tematize uma distância -e a encontre no tempo: 1897-1902).

¹ Juan Manuel de Rosas (Buenos Aires, Argentina, 1793; Swathling, Inglaterra, 1877). Importante fazendeiro da província de Buenos Aires e chefe indiscutido da facção "federal" num país que, apenas encerrado o ciclo das lutas pela independência, ingressou numa fase de prolongados enfrentamentos internos entre os setores partidários de uma organização político-institucional centralizada ("unitários"), e os grupos empenhados na consolidação de um regime baseado na autonomia dos estados provinciais ("federales"). Em meio ao ambiente de instabilidade e anarquia que prevaleceu durante toda a década de vinte, Rosas assume pela primeira vez o governo da província de Buenos Aires em 1829, permanecendo no cargo -para cujo exercício lhe são atribuídas "faculdades extraordinárias"-, até o ano de 1832. Em 1835, e num clima não menos caótico, volta a ser nomeado governador dessa província. Investido da "soma do poder público", Rosas inicia uma gestão que só seria interrompida em 1852, após ser derrotado na batalha de Caseros, fato que determinaria seu exílio em Swathling. Propiciando uma política de alianças com os caudilhos de diversas regiões do país (ou eliminando-os quando necessário, como suspeita-se tenha acontecido com Facundo Quiroga), preservando as prerrogativas alfandegárias de sua província de origem, e obtendo importantes concessões das províncias do interior (tal como o direito a representá-las e intermediar por elas junto ao comércio exterior), Rosas acabou impondo um modelo de fato centralizado, e hegemonizado pelos setores vinculados à exploração pecuária, sediados em Buenos Aires. Durante os quase vinte anos em que exerceu o poder foi impiedoso no combate aos grupos opositores, e, nessa perspectiva, o ano de 1840 -data da criação da "Mazorca", organismo repressivo destinado a sufocar toda e qualquer manifestação anti-federal ou anti-rosista-, assinala um dos momentos mais críticos da vida política argentina do século XIX. Nesse ano, bem como nos imediatamente anteriores e posteriores, a "nova geração" -também chamada de geração dos proscritos, grupo integrado pelos intelectuais românticos mais destacados do país, e entre os quais caberia mencionar o próprio Sarmiento-, vê-se obrigada a emigrar maciçamente para o Uruguai, Chile, e, em menor medida, Bolívia e o Brasil. Dezesesseis anos depois de Caseros, em pleno período de instauração do estado moderno argentino, Domingo Faustino Sarmiento (San Juan, Argentina, 1811; Asunción, Paraguai, 1888) é escolhido presidente da República, cargo que desempenha entre 1868 e 1872.

² SARMIENTO, D.F. **Facundo o civilización y barbarie en las pampas argentinas**. Buenos Aires, Centro editor de América Latina, 1979, pág. 6.

³ DA CUNHA, E. **Os Sertões** (edição crítica organizada por Walnice Nogueira Galvão). São Paulo, Brasiliense, 1985, pág. 85.

⁴ Sob o título *A nossa Vendéia* Euclides da Cunha publicou dois textos breves no jornal **O Estado de São Paulo** (14 de março e 17 de julho de 1897), antes de viajar na qualidade de enviado da citada publicação ao cenário dos acontecimentos.

Portanto, sob certo ponto de vista, poder-se-ia afirmar que a curva traçada entre o começo e o desfecho de ambos os volumes desenha, em cada um dos casos, uma trajetória inversa. Os atores do *incipit* sarmientino dão forma a uma polaridade: "eu" -enigma indecifrável, figura cujos atos e palavras fogem às faculdades elucidativas do "outro"-, versus "o governo rosista" -"esfinge" complexa e, no entanto, escrutável, mistério que necessariamente terá de ceder diante das "minhas" faculdades exegéticas⁵. Entre esses dois atores (entre Sarmiento e Rosas), Facundo é, sem dúvida alguma, um mediador de peso mas, contudo, um mediador. E a invocação por todos conhecida é, a rigor, uma auto-invocação⁶.

Não obstante, à assimetria que se estabelece a partir dessa superioridade cognitiva e heurística, é preciso acrescentar outra: "eu", corpo vitimado e expulso, possui o poder da palavra -e é sabido o quanto isso representava para Sarmiento-, mas "o outro" possui o exercício do poder. Daí a possibilidade de se pensar que **Facundo** se desenvolve pulsionado pela vontade de responder à seguinte interrogação: como fazer para que o primeiro dos atores venha a coincidir com o segundo? como ocupar o território daquele que hoje -quando escrevo esta "obrinha"- é o "meu" adversário? como fazer, em suma, para que a diferença inicial de forças e de espaços se torne identidade e acabe convergindo numa única pessoa? De fato, se Sarmiento se debruça no passado, à procura das raízes de um sistema presente, é, antes de tudo, para poder operar com eficácia num futuro próximo. Futuro que, é desnecessário insistir, leva a marca indelével da euforia.

⁵ A dicotomia *sapiencia* (própria) ignorância (do outro) estrutura-se em torno da célebre frase que Sarmiento teria escrito ao atravessar o vale do Zonda, rumo ao exílio, e da reação que ela teria suscitado por parte das autoridades. Transcrevo na íntegra a passagem de abertura de **Facundo** em que o autor relata esse episódio:

on ne tue point les idées.

Fortoul.

A los hombres se deguella, a las ideas, no.

Fortoul.

"A fines del año 1840, salía yo de mi patria, desterrado por lástima, estropeado, lleno de cardenales, puntazos y golpes recibidos el día anterior en una de esas bacanales sangrientas de soldadesca y mazorqueros. Al pasar por los baños del Zonda, bajo las armas de la patria que en días más alegres había pintado en una sala, escribí con carbón estas palabras:

On ne tue point les idées.

El gobierno a quien se comunicó el hecho, mandó una comisión encargada de descifrar el jeroglífico, que se decía contener desahogos innobles, insultos y amenazas. Oída la traducción, "y bien! -dijeron- qué significa esto ?..."

.....
.....
.....

Significaba, simplemente, que venía a Chile, donde la libertad brillaba aún, y que me proponía hacer proyectar los rayos de las luces de su prensa hasta el otro lado de los Andes. Los que conocen mi conducta en Chile, saben si he cumplido aquella protesta" .

Domingo Faustino Sarmiento.

No capítulo introdutório o autor retoma e desenvolve esta antítese de múltiplas maneiras e, depois de percorrê-lo, dificilmente o leitor terá dúvidas a respeito da identidade daquele que: "vendrá, al fin, a resolver el enigma que nos propone la organización política de la República". (op.cit, pág. 8)

⁶ "Sombra terrible de Facundo, voy a evocarte, para que, sacudiéndolo el ensangrentado polvo que cubre tus cenizas, te levantes a explicarnos la vida secreta y las convulsiones internas que desgarran las entrañas de un noble pueblo" (SARMIENTO, D.F. op. cit. pág. 7). Com relação a esta locução inicial do capítulo introdutório, MAC ADAM (*Euclides da Cunha y Mario Vargas Llosa: meditaciones intertextuales*; in **Revista Iberoamericana** n° 126, 1986, pág. 160), afirma: "Sarmiento es una presencia ubicua en su libro, en particular al principio, donde declama en una especie de incantación que se propone evocar el espíritu de Facundo para explicar la situación actual de la nación argentina, como la invocación a la musa en la poesía épica es el modo por el cual el poeta llama la atención sobre sí mismo y sus poderes poéticos. La invocación del espíritu de Facundo es la invocación de su propio genio".

Não podendo usufruir da imunidade sarmientina -isto é: impossibilitado de reivindicar para si próprio o papel do perseguido e de tirar as vantagens decorrentes de semelhante posição-, **Os Sertões** progride na direção contrária. Desta vez o ponto de partida é um "nós" situado do lado do carrasco mas que também inclui a figura autoral. Daí a pergunta que impulsiona o relato, não mais objetivar um processo de junção mas, ao contrário, um processo de ruptura: como separar-me -por meio desta escrita corretiva-, e fazer com que surja entre "eu" e "o governo" uma espécie de hiato? Parece-me que o movimento da pena euclidiana dramatiza implicitamente a voluntária urdidura dessa fenda numa desesperada tentativa de construir para si um *locus* enunciativo diferenciador. Além disso -e não apenas pelo fato de seu núcleo primigênio localizar-se no passado e referir-se a uma comunidade exterminada-, não resta, em **Os Sertões**, o mínimo traço do fôlego prospectivo que domina os capítulos finais de **Facundo**. Não que Euclides não alargue seu campo de visão. De fato, o que ao início da escrita do volume buscava ser tão somente "a história da campanha de Canudos", acaba por transformar-se num "esboço" dos "traços atuais mais significativos das sub-raças sertanejas"⁷. Mas a expansão da matéria tratada -ou, em outras palavras, a passagem do episódio histórico pontual para o esboço mais amplo-, e até mesmo o seu reticente viés prospectivo, já nada possui que a assemelhe à impetuosa faculdade predictivo-constructiva de Sarmiento. Nesta oportunidade, o alargamento de perspectiva decorre da aguda percepção de um processo destrutivo que transcende o dado episódico, e que não consegue ser reenquadrado no marco de um projeto assumido como próprio. Dito em outros termos: se Euclides vai além da "campanha de Canudos" é por ele pressentir que, "o jagunço destemeroso, o tabaréu ingênuo e o caipira simplório, serão em breve tipos relegados às tradições evanescentes, ou extintas"⁸. Desta forma, o "esboço" transforma-se num *réquiem*, ainda que também -e é justamente esse o futuro vislumbrado, e talvez seja esse "o programa" do autor-, num gesto de advertência. Sem nada que nos lembre o entusiasmo de **Facundo**, o amanhã aqui é uma incógnita. A esfinge sarmientina fora deslocada de lugar.

Aproximar estes dois textos intratáveis, cuja plurivocidade permite se não infinitas, inúmeras entradas, não é, apesar das aparências, o principal propósito do presente trabalho. Depois deste desvio, voltado para a contextualização -mesmo se heterodoxa- do discurso euclidiano, gostaria de me concentrar na análise de **Os Sertões**. Ou, melhor ainda, no exame de uma de suas não poucas facetas. Percurso que, como toda leitura, implica uma eleição: neste caso, a do perfil do texto que soube suscitar uma relação empática. Parcial, como todas, a presente leitura pressupõe, portanto, o existir de um outro sem-fim de aspectos semelhantes, complementares ou antinômicos, daquele que decidi abordar. Como Canudos -como a "cidadela inexpugnável" representada por Euclides da Cunha-, **Os Sertões** se assemelha a um "labirinto". De antemão recuo da pretensão de descobrir seu centro.

....

Quando o leitor, habilmente conduzido por esse guia oculto e, no entanto, onipresente, que torna cada friso "natural" um episódio agônico -isto é: um drama que subverte o hipotético enquadramento descritivo de *A terra*, transformando o volume desde o primeiro momento num relato sobre forças conflitantes-, depara-se com a flora do sertão, descobre, entre suas inúmeras espécies,

"... os cabeças-de-frade, deselegantes e monstruosos melocactos de forma elipsoidal, acanalada, de gomos espinescentes, convergindo-lhes no vértice superior formado por uma flor única, intensamente rubra. Aparecem, de modo inexplicável, sobre a pedra nua, dando, realmente, a imagem singular de cabeças decepadas e sanguinolentas jogadas por ali, a esmo, numa desordem trágica."⁹

⁷ DA CUNHA, E. op. cit. pág. 85.

⁸ ibidem

⁹ DA CUNHA, E. op. cit. pág. 124.

Assim como antes que o primeiro tiro fosse disparado o leitor já pudera assistir à encenação de uma luta entre os diversos agentes geológico-climáticos, de modo análogo, antes da primeira cabeça humana rolar, essa imagem já vingara no discurso¹⁰. À semelhança de outras, esta *figura antecipatória* -que convida a suspeitar que o modelo compositivo de *A terra e O homem*, os dois primeiros blocos do texto, sejam na verdade *A luta*, criando assim uma motivação artificial e retroativa que se encobre sob a forma da *dispositio* naturalizadora e prospectiva-, ressurgirá muitas páginas depois e em várias ocasiões. Quando a série, composta por quatro termos que se deslocam paulatinamente para o âmbito de significação que neste primeiro quadro opera como princípio focalizador predominante, se defrontar, por fim, com a cabeça do (pseudo)frade Antonio Conselheiro, o circuito se terá completado, acarretando, porém, uma consequência importante: a última cabeça decepada que se apresentará ao leitor terá sido decepada em nome das linguagens que possibilitaram esta descrição inicial.

Retrocedamos, a fim de analisar sumariamente algumas de suas características, para o parágrafo acima citado, primeiro termo dessa constelação.

Inscrito no marco duplamente agônico de uma epopéia da natureza e de uma "epopéia do conhecimento" pouco menos anticlimática do que a dos próprios agentes geológicos, o levantamento da flora do sertão concretiza-se apelando, por sua vez, a uma palavra mista¹¹. Esta duplicidade, que de maneira alguma é privativa do trecho dedicado a inventariar as espécies vegetais, reverte numa justaposição ininterrupta de registros: sintagmas de caráter nitidamente científico confluem a cada passo com expressões de cunho literário cuja manifestação mais evidente são aquelas locuções que remetem, de modo imediato, ao âmbito da representação. As "massas gnaissegraníticas... se encurvam em desmedido anfiteatro"¹²; as "formações sedimentárias" do litoral parecem "rampas de um majestoso palco"¹³; as "assomadas gnássicas, caprichosamente cindidas em planos quase geométricos à maneira de silhares", suscitam "a ilusão de encontrar-se, de repente, naqueles ermos vazios, majestosas ruínas de castelos"¹⁴. Geólogo, geógrafo, cartógrafo, meteorólogo, botânico, zoólogo e literato convivem no interior deste discurso que semeia signos capitalizáveis no nível de uma esfera puramente cognitiva, ou no nível da esfera dramático-narrativa. Às vezes um sintagma esgota sua significação no próprio ato de ser proferido, satura-se como significante de um saber específico e especializado, colma aí sua função: "massas gnaissegraníticas". Em outras ocasiões -quando o dialeto técnico dá lugar a outras formas expressivas-, cria-se um campo semântico que encontra muitas páginas depois seu par complementar. Às "assomadas gnássicas" do sertão, que parecem "ruínas de castelos", virá somar-se o atavio do jagunço: "As vestes são uma armadura. Envolto no *gibão* de couro curtido, de bode ou de vaqueta; apertado no colete também de couro; calçando *perneiras*, de couro curtido ainda, muito justas, cosidas às pernas e subindo até as virilhas, articuladas em *joelheiras* de sola; e resguardados os pés e as mãos pelas *luvas* e *guarda-pés* de pele de veado -é como a forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo"¹⁵. (Não é necessário dizer que as analogias com o mundo medieval são mais do que frequentes). Em outras oportunidades, enfim, a descrição de um corte mezológico, de uma espécie vegetal ou de um conjunto delas, inaugura um *leitmotiv* que encontra um correlato homológico e dinâmico nas páginas subseqüentes. Anuncia-se, sob a forma do catálogo, um tópico recuperado

¹⁰ O caráter fortemente dinâmico dos capítulos agrupados sob o subtítulo de *A terra* foi brilhantemente assinalado por Augusto Meyer (*Nota sobre Euclides da Cunha* in *Textos críticos*, São Paulo, Perspectiva, 1986. pág. 242): "Como explicar o sortilégio dessa prosa tão complicada, de leitura bem difícil para o modesto leitor médio? É que ele dramatiza tudo, a tudo consegue transmitir um frêmito de vida e um sabor patético. Mesmo nos grandes painéis geológicos do começo, apresenta a paisagem não completa e acabada, já no último dia da Criação, repousando em suas feições atuais, mas como produto de convulsões gigantescas, ainda abalada e revolvida, ainda em plena história geológica. A paisagem de Canudos, os quadros da seca, a descrição do clima, a flora, tudo parece impregnado de uma significação agônica".

¹¹ A idéia do texto euclidiano como sendo uma "epopéia do conhecimento" frustrada no seu decurso efetivo, foi desenvolvida por Maria TAI WOLF, em seu interessantíssimo ensaio titulado "*Estas páginas sem brilhos*": o texto-sertão de Euclides da Cunha (in *Revista Iberoamericana* nº 126, de 1984, págs. 47-61). O presente trabalho procura situar-se nessa linha de abordagem e retomar algumas das questões esboçadas pela autora.

¹² DA CUNHA, E. op. cit. pág. 92.

¹³ ibidem

¹⁴ DA CUNHA, E. op. cit. pág. 101.

¹⁵ DA CUNHA, E. op. cit. pág. 182.

pouco mais tarde no plano narrativo ao tornar-se ação ou instrumento de uma ação. Assim, por exemplo, "a caatinga" -que "como um *cilício dilacerador* estende sobre a terra suas ramagens de espinhos"¹⁶-, ou "os cereus esguios e silentes, aprumando os caules circulares repartidos em colunas poliédricas e uniformes, na simetria impecável de *enormes candelabros*" -plantas que "ao descer das tardes breves... dão a ilusão emocionante de *círios enormes*"¹⁷-, evocam, no orbe vegetal, os fetiches de uma religiosidade "primitiva", "mestiça" e "fanática", que logo em seguida se verão transformados em instrumentos concretos das peregrinações sertanejas. A imagem primigênia encarna-se e dinamiza-se, passa a ser literalmente "real".

O parágrafo dos cabeças-de-frade, no qual o detalhe analítico-descritivo do botânico justapõe-se à figura da degola, pertence a este último subgrupo. Integra, aliás, uma ínfima fração dessa empresa monumental assumida ao longo de centenas de páginas e que visa outorgar existência, enquanto objeto de conhecimento peremptório, a uma região esquecida e postergada do país. (Vale a pena sublinhar a esse respeito que Euclides obstina-se em caracterizar o sertão nordestino como sendo um "hiato", como uma "terra ignota" para a qual a civilização e seus saberes deram as costas. Nessa insistência, que, por sua vez, é uma forma de autodesignação e de reenvio ao próprio discurso, pode ser lido seu propósito: colmar o hiato, e por que não, também, sua vaidade. Sob este ponto de vista, embora Euclides pareça estar bem longe do ostensivo uso do "eu" que os protocolos da retórica romântica permitiam ao autor de **Facundo** empregar sem qualquer reserva, seu titanismo narcisista se parece ao de Sarmiento. O exibir das linguagens tornara-se por si só, no final do século, numa cifra daquele que as profere).

Lançando mão de todos os registros discursivos disponíveis que integram o complexo de saberes "civilizado" (aí incluída sua irmã pobre: a literatura), o narrador de **Os Sertões** recenseia uma nova espécie vegetal: "os cabeças-de-frade, deselegantes e monstruosos melocactos...". Mas junto a ela põe a circular um signo, o da degola, epítome de uma prática "bárbara". Signo que rolará de mão em mão até retornar, "realizado" e *quase* idêntico, àquela que é sua fonte de emissão. A ciência permitira inventariar os cabeças-de-frade; em nome da ciência será decapitado, muito depois, o cadáver de Antonio Conselheiro. Mas antes que isso aconteça o signo deverá passar por outras mãos, desenhar uma trajetória cuja segunda paragem situa-se, ainda, em "território ignoto".

....

As forças militares-republicano-civilizatórias já foram repelidas em duas oportunidades quando a terceira expedição a Canudos se organiza sob as ordens do Coronel Moreira César -"ídolo" não menos ambivalente do que o próprio Conselheiro e sobre quem pesa um apodo nefasto: "corta-cabeças"¹⁸. Novo ataque, nova e inexplicável derrota do exército e, depois, a seguinte cena, que começa com uma recapitulação avaliativa dos acontecimentos recentes:

"A força do governo era agora realmente a fraqueza do governo, denominação irônica destinada a permanecer por todo o curso da campanha. Haviam-na visto chegar -imponente e terrível- apercebida de armas ante as quais eram brincos de criança os clavinotes brutos; tinham-na visto rolar terrivelmente sobre o arraial e assaltá-lo, e invadi-lo, e queimá-lo, varando de ponta a ponta; e, depois destes arrancos temerários, presenciaram o recuo, e a fuga, e a disparada douda, e o abandono pelos caminhos afora das armas e bagagens.

Era sem dúvida um milagre. O complexo dos acontecimentos perturbava-os e tinha uma interpretação única: amparava-os visivelmente a potência superior da divindade.

E a crença, revigorada na brutalidade dos combates, crescendo, maior, num reviver de todos os instintos bárbaros, malignou-lhes a índole.

Atesta-o fato estranho, espécie de divertimento sinistro lembrando a religiosidade trágica dos Achantis, que rematou estes sucessos.

¹⁶ DA CUNHA, E. op. cit. pág. 120.

¹⁷ DA CUNHA, E. op. cit. pág. 122.

¹⁸ DA CUNHA, E. op. cit. pág. 334.

Concluídas as pesquisas nos arredores, e recolhidas as armas e munições de guerra, os jagunços reuniram os cadáveres que jaziam esparsos em vários pontos, nas duas bordas da estrada, as cabeças, regularmente espaçadas, fronteando-se, faces voltadas para o caminho. Por cima, nos arbustos, calças e dolmãs multicolors, selins, cinturões, quepes de listras rubras, capotes, mantas, cantis e mochilas...

A caatinga mirrada e nua, apareceu repentinamente desabrochando numa florescência extravagantemente colorida nos vermelhos fortes das divisas, no azul desmedido dos dolmãs e nos brilhos vivos das chapas dos talins e estribos oscilantes...

Um pormenor doloroso completou esta encenação cruel: a uma banda avultava, empalado, erguido num galho seco, de angico, o corpo do coronel Tamarindo.

Era assombroso... Como um manequin terrivelmente lúgubre, o cadáver desaprumado, braços e pernas pendidos, oscilando à feição do vento no galho flexível e vergado, aparecia nos ermos feito uma visão demoníaca."¹⁹

Tão fascinado pelos "divertimentos sinistros" do outro quanto Sarmiento -cuja sombra resiste a dissipar-se-, Euclides monta este quadro esplêndido e mórbido a partir de um código predominantemente estético. A rigor, o parágrafo citado deve menos ao espírito do cronista e à sua vocação de consignar "a verdade" -embora saibamos que ela também não é alheia à idéia de representação-, do que a uma série de tópicos retrabalhados até o paroxismo pela literatura, durante o último terço do século XIX. O que não impede que a inteligibilidade da cena inscreva-se num campo que transcende o estatuto meramente estético. Como os "Achantis", como a própria natureza inculta que lhes serve de modelo e da qual são uma espécie de *duplicata*, os jagunços, "revigorada a crença na brutalidade dos combates", reeditam uma prática cujo "barbarismo", entretanto, é passível de compreensão. Isto é: pode ser explicado a partir de um ponto de referência que conhece as origens desses mecanismos comportamentais "primitivos", precisamente por tê-los "superado", voltado sobre eles, examinado suas causas e elucidado suas supostas condições de emergência.

O esquema não se vê perturbado. Os cabeças-de-frade tornaram-se ação dentro de seu contexto "natural" e, embora a forte estilização do quadro contamine, ainda que tibiamente, ao sujeito que o forjou, sua posição elocutiva não sofre qualquer dano. A voz civilizada ilumina o complexo motivacional que suscitou a irrupção desse comportamento obscuro.

....

Porém, quando o leitor chega por fim aos capítulos que narram os *Últimos dias* de Canudos, ou em outras palavras, quando a quarta expedição, armada até os dentes e numericamente desproporcional -milhares de soldados contra um grupo exíguo de homens famélicos e sedentos-, cerca definitivamente esse inimigo que contra toda razoabilidade resiste mas cuja derrota é iminente, depara-se com a presença de um espetáculo ominoso. Os cabeças-de-frade que encontraram materialização no fragmento já citado ou, melhor ainda, o *quantum* de barbárie que esse signo encarna, translada-se de campo, gira sobre seu eixo e interna-se nas trincheiras do exército-republicano-civilizador.

Sem recorrer aos traços estetizantes do episódio precedente, embora não estando isenta de certa teatralidade extremamente cara ao autor e que constitui um dado estrutural do texto, a representação desta outra cena -que se desdobra em várias e faz desse proliferar um procedimento enfático-, encontra-se marcada pela superabundância de pormenores "realistas". Se o trecho anterior não se detinha nos detalhes concretos e concentrava-se na descrição de uma cenografia macabra e arrebatadora, aqui, ao contrário, é consignado até o mínimo detalhe. Transcrevo, a título de ilustração, alguns desses fragmentos.

Após uma frustrada tentativa de interrogatório, os soldados conduzem para fora da barraca do seu superior um combatente sertanejo já gravemente ferido:

¹⁹ DA CUNHA, E. op. cit. págs. 367-368.

"Fora, passaram-lhe, sem que protestasse, uma corda de sedenho na garganta. E, levado aos repelões para o flanco direito do acampamento, o infeliz perdeu-se com os sinistros companheiros que o ladeavam no seio misterioso da caatinga.

Chegando à primeira canhada encoberta, realizava-se uma cena vulgar. Os soldados impunham invariavelmente à vítima um viva à República, que era poucas vezes satisfeito. Era o prólogo invariável de uma cena cruel. Agarravam-no pelos cabelos, dobrando-lhe a cabeça, esgargalando-lhe o pescoço; e, francamente exposta a garganta, degolavam-na"²⁰.

Num contexto análogo, mas resumindo as características do que, com o passar do tempo, já se havia tornado uma prática "cotidiana":

"Preso o jagunço válido e capaz de aguentar o peso da espingarda, não havia malbaratar-se um segundo em consulta inútil. Degolava-se; estripava-se. Um ou outro comandante se dava o trabalho de um gesto expressivo. Era uma redundância capaz de surpreender.

Dispensava-a o soldado afeito à tarefa.

Esta era, como vimos, simples. Enlear ao pescoço da vítima uma tira de couro, num cabresto ou numa ponta de chiquerador; impeli-la por diante; atravessar entre as barracas, sem que ninguém se surpreendesse; sem temer que se escapasse a presa, porque ao mínimo sinal de resistência, ou fuga, um puxão para trás faria que o laço se antecipasse à faca e o estrangulamento à degola. Avançar até a primeira covanca profunda, o que era um requinte de formalismo; e, ali chegado, esfaqueá-la. Nesse momento, conforme o humor dos carrascos, surgiam ligeiras variantes."²¹

Irrompendo num espaço onde por princípio não deveria frutificar -mais ainda, que por definição era chamado a desterrar sarmientinamente uma série de comportamentos que, na dupla acepção da palavra, caberia denominar de extemporâneos-, as decapitações realizadas "deste lado" corrompem a bipolaridade que orientava o esquema interpretativo inicial, ou até mesmo, "invertem-na":

"Era uma inversão de papéis. Uma antinomia vergonhosa... [...] Aquilo não era realmente uma campanha, era uma charqueada. Não era a ação severa das leis, era a vingança. Dente por dente. Naqueles ares pairava, ainda, a poeira de Moreira César queimado; devia-se queimar. Adiante, o arcabouço decapitado de Tamarindo; devia-se degolar. A repressão tinha dous pólos -o incêndio e a faca."²²

Tanto mais escandalosa por não se renunciar inteiramente -e Euclides nunca o fará-, aos postulados primigênicos, a "inversão de papéis" suscita uma dupla perturbação. Por um lado, mina aquilo que era base de sustentação e paradigma explicativo da voz enunciadora, semeia suspeitas sobre o orbe "civilizado" (sobre a significação mesma dessa palavra), e sobre a significação de sua aparente contra-imagem. Por outro lado, e conseqüentemente, envolve a figura do vencido numa aura heróica que se torna cada vez mais nítida. (Quanto a isto, basta percorrer as páginas das quais foram extraídas as citações antecedentes e examinar a representação do "outro lado"). Mas a idealização do outro -e quem sabe essa saída teria sido mais tranquilizadora-, nunca será absoluta. Tampouco a "inversão". Entre os termos dessa "antinomia vergonhosa" sempre será preservada uma ligeira assimetria, um *plus* de negatividade que não se reverte numa positivização do outro, e sim numa degradação suplementar do próprio campo.

Turvada mas não abolida, uma vez que não há um modelo alternativo de recâmbio, a perspectiva iluminista mergulha numa espécie de eterna suspensão que crispa o texto tornando-o ainda mais dramático. Colapso cuja trajetória se encerra -não porque conclua ou desagüe numa significação superadora, mas pelo fato de ser a última oportunidade em que o texto tematiza este motivo-, algumas páginas adiante.

²⁰ DA CUNHA, E. op. cit. págs. 532-533.

²¹ DA CUNHA, E. op. cit. pág. 534.

²² DA CUNHA, E. op. cit. págs. 536-537.

....

Entardecer do dia 5 de outubro de 1897. A cidadela de Canudos, "exemplo único em toda a História", comunidade que "resistiu até o esgotamento completo", cai, por fim, quando são abatidos "seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dous homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados"²³. Na madrugada seguinte uma comissão designada para esse propósito descobre o cadáver de Antonio Conselheiro:

"Fotografaram-no depois. E lavrou-se uma ata rigorosa firmando sua identidade; importava que o país se convencesse bem de que estava, afinal extinto, aquele terribilíssimo antagonista.

Restituíram-no à cova. Pensaram, porém, depois, em guardar a sua cabeça tantas vezes maldita -e como fora malbaratar o tempo exumando-o de novo, uma faca jeitosamente brandida, naquela mesma atitude cortou-lha; e a face horrenda, empastada de escaras e de sânie, apareceu ainda mais uma vez ante aqueles triunfadores.

Trouxeram-na depois para o litoral, onde deliravam multidões em festa, aquele crânio. Que a ciência dissesse a última palavra. Alí estavam, no relevo das circunvoluções expressivas, as linhas essenciais do crime e da loucura..."²⁴

Última cena de um itinerário disfórico. As linguagens que emprestaram fôlego às primeiras palavras de **Os Sertões** -onde o geólogo, geógrafo, cartógrafo, naturalista e literato Euclides da Cunha lançou-se a uma titânica tarefa de reconhecimento e recenseou, entre outras tantas coisas, uma espécie vegetal: os cabeças-de-frade-, retornam, degradadas ao estatuto de ato profanatório, para dizer "sua última palavra". O naturalista contempla-se no espelho deformado do frenólogo, e a ironia amarga destas frases finais, mal consegue disfarçar o desalento.

"On ne tue point les idées" : "Degolam-se os homens, as idéias não". Com esta libérrima tradução de uma frase de Fortoul, Sarmiento iniciava o seu **Facundo**. Porém, quando os homens são degolados em nome da "civilização", as idéias não permanecem incólumes. Elas também vergam.

²³ DA CUNHA, E. op. cit. pág. 571.

²⁴ DA CUNHA, E. op. cit. pág. 57.